

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

MARIA LUIZA ARAÚJO RAMOS

**Jovens, religiosidade, gênero e sexualidade: um estudo de caso em duas escolas da
cidade de Uberlândia**

UBERLÂNDIA

2019

MARIA LUIZA ARAÚJO RAMOS

Jovens, religiosidade, gênero e sexualidade: um estudo de caso em duas escolas da cidade de Uberlândia

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do título de bacharel e licenciatura em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Claudia Wolff Swatowiski.

Uberlândia
2019

MARIA LUIZA ARAÚJO RAMOS

Jovens, religiosidade, gênero e sexualidade: um estudo de caso em duas escolas da cidade de
Uberlândia

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências
Sociais da Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial à obtenção do título de
bacharel e licenciatura em Ciências Sociais.

_____ de _____ de _____

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr^a Claudia Wolff Swatowski
(Orientadora – UFU)

Prof.^o Dr^o Antonio Carlos Lopes Petean
(Examinador – UFU)

Prof. Dr^o Luciano Senna
(Examinador – UFU)

Agradecimentos

Aos meus pais Hélia e Eduardo, e a minha irmã Maria Eduarda que sempre estiveram ao meu lado me apoiando e incentivando durante toda minha graduação em Ciências Sociais, obrigada pelo apoio, carinho e orientação.

Ao Tarcísio que foi minha base nos momentos mais difíceis, obrigada pelo companheirismo e amor que construímos ao longo desses anos, por compartilhar comigo a certeza e incertezas da vida. Sou grata pelos seus incentivos e seus conselhos que me ajudaram na realização desse trabalho.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Claudia Wolff Swatowski que me ensinou muito durante todo o curso, tenho admiração na sua dedicação no desenvolvimento acadêmico dos estudantes e na sutileza e leveza em que leva a vida. Obrigado pela confiança, os conselhos e os ensinamentos durante toda a graduação, em especial na realização desse trabalho.

Agradeço ao Prof.^o Dr.^o Antonio Carlos Lopes Petean por aceitar o convite para compor a banca de defesa, por seus ensinamentos e suas indicações de livros feitas durante o curso. Também agradeço ao Prof.^o Dr.^o Luciano Senna por aceitar o convite para a banca de defesa e seus ensinamentos durante o curso. Seus ensinamentos contribuíram muito para o meu desenvolvimento acadêmico.

Agradeço também aos Professores Heitor, Eduardo e todo o corpo diretor das Escolas Estaduais Messias Pedreiro e Professor Inácio Castilho pela ajuda e permissão para a realização desse trabalho. Em especial agradeço a todos/as os jovens estudantes que tive contato ao longo da pesquisa pela confiança e disposição em compartilhar suas histórias de vida.

RESUMO

Compreender a relação de jovens, estudantes de Ensino Médio, com a dimensão religiosa e o impacto da religiosidade em questões relativas à sexualidade e à construção de gênero foi o que norteou meu trabalho de campo nas Escolas Estaduais Messias Pedreiro e Professor Inácio Castilho, ambas situadas na cidade de Uberlândia-MG. Entendendo que o ambiente escolar é uma extensão da sociedade, nesta monografia examino, através de um olhar antropológico, as experiências de jovens entre 14 e 18 anos, sua compreensão de mundo, sua identidade, sobretudo sua religiosidade e como ela está relacionada com questões de gênero e sexualidade. A diversidade dos relatos confirma a heterogeneidade da categoria juventude, de modo que existe uma diversidade na maneira como esses jovens vivenciam o religioso, mas ressalto a tensão presente entre as questões de gênero e sexualidade com a dimensão religiosa. Assim este trabalho apresenta o perfil religioso dos jovens e a relação da dimensão religiosa com questões de gênero e sexualidade, fazendo uma reflexão a partir dos relatos obtidos.

Palavras-chave: Juventude; Religiosidade; Sexualidade; Gênero.

ABSTRACT

Understanding the relationship of young people, high school students, the religious dimension and the impact of religiosity on issues related to sexuality and gender construction was what guided my fieldwork in the State Schools Messias Pedreiro and Professor Inácio Castilho, both located in the city of Uberlândia-MG. Understanding that the school environment is an extension of society, in this monograph I examine, through an anthropological perspective, the experiences of young people between the ages of 14 and 18, their understanding of the world, their identity, especially their religiosity and how it relates to issues of gender and sexuality. The diversity of the accounts confirms the heterogeneity of the youth category, so there is a diversity in the way these youths experience the religious, but it emphasizes the present tension between the issues of gender and sexuality with the religious dimension. Thus, this work presents the religious profile of the young people and the relationship of the religious dimension with issues of gender and sexuality, making a reflection based on the reports obtained.

Key words: Youth; Religiosity; Sexuality; Genre.

LISTA DE ABREVIATURAS

LGBTQ: lésbicas, gay, bissexuais, travestis, transsexuais e queer.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. NOÇÕES DE JUVENTUDES E A DIMENSÃO RELIGIOSA	13
1.1 MESSIAS PEDREIRO	17
1.2 INÁCIO CASTILHO	19
2. A ESCOLHA DA FILIAÇÃO RELIGIOSA	22
3. OS SEM RELIGIÃO	28
4. SEXUALIDADE E GÊNERO	35
CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS	44

INTRUDUÇÃO

Durante minha graduação no curso de Ciências Sociais os estudos sobre religião sempre me chamaram a atenção. Quando iniciei a primeira etapa da minha monografia tinha o interesse em pesquisar como a dimensão religiosa estava relacionada com questões de gênero. Nesse primeiro momento não conseguia definir um recorte de análise. Foi a partir da minha Iniciação Científica, orientada pela Profa. Dra. Claudia Wolff Swatowski no ano de 2017 com o tema “Questões religiosas no ensino médio: pensamento religioso e relações de gênero na escola” que defini o recorte analítico que é a base dessa monografia.

Foi com a proposta de compreender as experiências religiosas dos jovens e como elas afetam a compreensão de mundo, a relação com o outro e principalmente o desenvolvimento da identidade de gênero desses sujeitos, que me inseri primeiramente no cotidiano da Escola Estadual Messias Pedreiro e depois na Escola Estadual Professor Inácio Castilho situadas na cidade de Uberlândia-MG.

A escolha das escolas não foi feita de maneira aleatória, mas sim baseada na minha já inserção dentro das escolas por conta do estágio obrigatório. Na Escola Messias Pedreiro fiz os estágios obrigatórios II e III no segundo semestre de 2017 e no primeiro semestre de 2018. Já na Escola Inácio Castilho fiz o estágio IV no segundo semestre de 2018. Todas as entrevistas feitas com alguns dos jovens dessas escolas foram realizadas no ano de 2018. A princípio iria fazer as entrevistas na Escola Messias Pedreiro no final do segundo semestre de 2017, contudo o prazo ficou muito apertado, sendo possível apenas fazer uma entrevista teste que não utilizo neste trabalho.

Mesmo fazendo estágio obrigatório nas escolas não poderia fazer a pesquisa sem a autorização da direção escolar, porque eu não queria apenas observar o ambiente escolar, mas também estabelecer um contato com os estudantes. A recepção da minha proposta de fazer pesquisa foi diferente em cada direção escolar, sendo que na Escola Inácio Castilho o corpo diretor me deu mais liberdade para realizar a pesquisa de campo. Encontrei dificuldades nas duas escolas para realizar a pesquisa, mas em ambas a ajuda dos professores de sociologia Heitor e Eduardo foi essencial nesse primeiro momento de contato com a direção escolar.

Na Escola Messias Pedreiro o trabalho de campo foi desenvolvido de maneira mais lenta e gradual. No segundo semestre de 2017 fiz em torno de quatro reuniões com

a direção de escolar para combinar como seria desenvolvida a pesquisa na escola. Desde o princípio foi colocado que eu só estaria autorizada a fazer a pesquisa na escola se um professor da mesma estivesse disposto a supervisionar o trabalho de campo. O professor de sociologia Heitor Zanoni aceitou supervisionar e me dar o suporte necessário para a realização da pesquisa. Além da supervisão do professor Heitor foi necessário que minha orientadora Claudia da UFU (Universidade Federal de Uberlândia) escrevesse uma carta para entregar à direção da escola junto com o meu projeto de pesquisa. Outra condição imposta para a realização da pesquisa foi a entrega aos estudantes de termos pedindo a autorização dos pais/ responsáveis legais para fazer as entrevistas.

Resolvidas todas essas questões burocráticas as primeiras entrevistas foram realizadas no começo do ano letivo de 2018. Como o combinado com a direção da escola iniciei o contato com os jovens doze dias após o início das aulas. O professor Heitor cedeu alguns minutos da sua aula, de maneira que eu conversava com a turma e explicava meu objetivo em estar indo à escola, falava em maneira geral da pesquisa, perguntava quem tinha interesse em participar das entrevistas e distribuía os termos de autorização. Ao todo foram quatro turmas do primeiro ano do ensino médio que tive esse contato; distribuí mais de 50 termos, contudo tive um retorno de apenas 11 termos assinados, possibilitando a realização de onze entrevistas, ao longo de cinco meses.

A escolha de estender a minha pesquisa feita na iniciação científica na Escola Messias Pedreiro para a Escola Inácio Castilho está relacionada a um evento religioso realizado na escola durante meu período de estágio obrigatório. Um teatro religioso feito pela Igreja Sal da Terra me causou uma inquietação para entender como os jovens daquela escola viviam sua dimensão religiosa, dado que estavam inseridos em um contexto escolar diferente do Messias, em que o religioso estava mais presente. Lembro-me de perguntar ao professor de sociologia Eduardo se eventos daquela natureza era comum na escola e ele me relatou que naquele formato de teatro foi o primeiro, mas que já tinha ocorrido um debate sobre religiões de matriz africana e uma apresentação de um terno de congado na escola.

No mesmo dia do evento conversei com o professor Eduardo sobre a pesquisa que tinha feito na Escola Messias Pedreiro e do meu interesse em estender para a Escola Inácio Castilho. Ele colocou que estava aberto a me ajudar e fazer a ponte entre mim e a coordenação da escola. Na mesma semana procurei minha orientadora, narrei o ocorrido e ela aprovou que eu fizesse a pesquisa de campo na escola, mesmo com um tempo mais apertado. Uma semana depois tive uma reunião com a coordenadora da Escola Inácio que

aprovou as minhas idas à escola fora dos dias do meu estágio, para realizar as entrevistas. Diferente da Escola Messias a coordenação não colocou tanta regras a mim, eu tive a liberdade de escolher qual ano do ensino médio iria fazer a pesquisa, não precisei da supervisão de nenhum funcionário da escola e também não foi imposto a mim que os estudantes pedissem autorização dos pais e responsáveis para fazer as entrevistas. Isso permitiu que eu tivesse o mesmo número de entrevistas feita na outra escola, dado que meu tempo de pesquisa foi menor, pois o final do ano letivo estava próximo. Mesmo sem a assinatura do termo por parte dos pais, os objetivos da pesquisa foram apresentados aos meus interlocutores e me comprometi a manter o anonimato dos entrevistados.

Ao me lançar nessa jornada etnográfica utilizei como método de pesquisa a observação participante, conversas informais e a entrevista semiestruturada. Compreendo que a etnografia permite ao pesquisador uma amplitude do fenômeno que está sendo estudado, pois existe um entrelaçamento do olhar do pesquisador e do pesquisado.

Em suma: a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um insight que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Este novo arranjo carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências; no entanto, é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o "concreto vivido". (Magnani, 2002, p.17)

E foi nesse contexto que minha pesquisa teve de ser ampliada. Não apenas para uma segunda escola, mas também na sua temática.

A ida a campo gera sempre resultados e perspectivas inesperadas. Antes de iniciar minha pesquisa de campo tinha como foco compreender as questões de gênero e a dimensão religiosa, sendo que a sexualidade seria abordada de maneira mais lateral sem muita centralidade. Contudo os relatos que tive no campo colocaram a sexualidade, em especial os relatos de jovens que fugiam da heteronormatividade, como destaque quando relacionada com a dimensão religiosa. Talvez por conta da idade desses jovens, 14 a 18 anos, período em que a sexualidade está sendo desenvolvida e tem grande importância e centralidade na vida desses jovens que eles colocaram nas entrevistas tanta ênfase na sexualidade relacionada com o pensamento religioso. Outro ponto que pode ter contribuído com a centralidade da sexualidade é o discurso homofóbico feito por alguns segmentos religiosos, principalmente religiões cristãs. Claramente esse discurso não é feito por todos, mas certamente esse discurso homofóbico repercute na vida dos jovens.

Assim a sexualidade ganhou uma centralidade nas entrevistas e era destacada pelos meus interlocutores no debate sobre os dogmas religiosos de tal forma que não poderia ser negada ou negligenciada durante a pesquisa. As questões de gênero permanecem e também estão compondo o trabalho juntamente com as reflexões sobre as dimensões religiosas dos jovens entrevistados. Porém, obtive mais material sobre questões relacionadas à sexualidade do que sobre questões de gênero.

Na pesquisa bibliográfica, encontrei dificuldade em achar material que relacionasse e cruzasse os temas religião, juventude, sexualidade e gênero da maneira como me propus a estudar. Também há pouco material que discute a questão da dimensão religiosa relacionada com a sexualidade e questões gênero desses jovens partindo do contexto escolar. Existe uma bibliografia vasta desses temas separadamente ou relacionados de maneira, como, por exemplo: religião e juventudes, religião e sexualidade e religião e gênero.

Os autores que me serviram de base e que mais dialogam com a minha pesquisa foram: Regina Novaes (2004, 2005, 2007, 2012) que tem uma vasta bibliografia sobre questões religiosas e juventudes; Marcelo Camurça, Fátima Tavares e Léa Freitas Perez autores do livro “Ser jovem em Minas Gerais: religião cultura e política”(2009) que também traz uma discussão sobre sexualidade e questão de valores relacionando com a dimensão religiosa. Também foram importantes para minhas reflexões os textos de Marcelo Natividade(2009) sobre a diversidade sexual e dimensão religiosa; a obra “História da sexualidade” de Foucault (1990); o livro “Problemas de gênero”(2016) que traz uma série de artigos sobre a categoria gênero; a autora Maria das Dores Campos Machado (2006) e o autor Luiz Fernando Dias Duarte (2006) que possuem textos sobre religião, família e moralidade religiosa.

Mesmo encontrando dificuldade em achar material que relacionasse os temas que atravessam este trabalho, e apresentando os temas por capítulos separados, procuro trazer reflexões que estabeleçam ligações entre eles. Nos próximos capítulos trato das questões levantadas pelos jovens que entrevistei nas escolas, seus dilemas, seus entendimentos sobre gênero, sexualidade e religião. Neste trabalho busquei compreender a relação dos jovens com o religioso em cada escola pesquisada, o perfil religioso deles, e a relação da dimensão religiosa dessas juventudes com questões de gênero e a sexualidade. Logo após as primeiras entrevistas, desenvolvi a hipótese de que haveria uma tensão entre questões religiosas e de gênero e sexualidade, e que tal tensão apresentaria relação com a religiosidade dos pais e com as relações estabelecidas por esses jovens no interior de

igrejas cristãs, especialmente evangélicas, gerando uma escolha pela ruptura de vínculos institucionais.

Assim no capítulo “Noções de juventude e a dimensão religiosa” trabalho como a categoria juventude(s) está sendo desenvolvida nas Ciências Sociais, além de trazer dados sobre a juventude brasileira, conto do perfil das escolas e como foi realizado meu trabalho de campo em cada escola. No capítulo “A escolha da filiação religiosa” discorro sobre os jovens que declaram filiação a uma religião institucionalizada trago reflexões a partir do perfil dos entrevistados sobre a relação que eles estabelecem com comunidade religiosa e sua dimensão religiosa.

No capítulo “Os sem religião” discorro sobre a autodeclaração “sem religião” dos jovens entrevistados, relacionando com dados nacionais e teorias sobre o perfil dos jovens que se declaram sem religião, mas que possuem uma crença, colocando a maneira como esses jovens apresentam sua dimensão religiosa e também quais foram as questões que levaram esses jovens a se declararem “sem religião”. No capítulo “Sexualidade e gênero” mostro como parte da discussão sobre a categoria sexualidade e a categoria gênero estão sendo feitas dentro das Ciências Sociais, mas foco principalmente no entendimento dos jovens que entrevistei sobre essas questões e como o religioso está envolvido com as dimensões de gênero e sexualidade na compreensão deles. Também trago o relato dos jovens que fogem da heteronormatividade e encontram no pensamento religioso um discurso contrário à sua sexualidade, seja através de quem vive a sua volta, como pais e avós, e/ou nos espaços religiosos institucionalizados que frequentam ou frequentavam.

1. NOÇÕES DE JUVENTUDES E A DIMENSÃO RELIGIOSA

Compreender as juventudes brasileira e como ela vive a dimensão religiosa, exige que se faça uma reflexão sobre a maneira como o conceito juventude foi construído historicamente pelas Ciências Humanas. O primeiro passo é entender que o conceito de juventude é recente; a compreensão da adolescência como uma fase da vida acontece com a transição do feudalismo ao capitalismo, mas os estudos acadêmicos focados na juventude acontecem de maneira mais sistemática no século XX.

Colocada como uma fase da vida humana, a juventude passa a ser vista como um período que possui ambições, desejos, interesses e dilemas próprios. É “a partir dos anos 1990 que a produção das Ciências Sociais sobre a juventude tem se debruçado de forma sistemática sobre novas dimensões da experiência juvenil” (TAVARES; CAMURÇA, 2009, p. 28). E foi com a ampliação do conceito de juventude, sobre a problemática do que é ser jovem e como eles vivenciam seus problemas, que a dimensão religiosa entra nos estudos da categoria.

Pesquisar sobre juventudes é compreender que não se trata de uma categoria homogênea, que existe uma pluralidade de elementos simbólicos que constrói e constitui as experiências vividas por esses jovens, dessa maneira, não se pode estabelecer que a rebeldia, o secularismo e a impulsividade sejam características que definem todos os jovens. As questões envolvendo as juventudes têm ganhado destaque no Brasil nas Ciências Sociais a princípio problematizando a juventude por um recorte geracional que tendia a homogeneização e em um segundo momento ocorre a crítica a esse padrão e o reconhecimento da pluralidade da juventude (TAVARES E CARMURÇA, 2009).

Os jovens hoje inseridos em um mundo globalizado e tecnológico fazem suas escolhas frente a certas possibilidades e oportunidades que estão ligadas a condição socioeconômica. Essas escolhas não são fixas, pois dada a “nova condição juvenil” (Dayrell, 2007) a transformação e a transitoriedade são características constantes na vida dos jovens. Tomo como noção de juventude:

A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias da vida social desde a dimensão afetiva até a profissional.(DAYRELL, 2004, p.4)

Novaes (2007) ao estudar essa categoria na América do Sul coloca que as

juventudes são vividas de maneira diversa, essa característica heterogênea presente na condição juvenil relacionada com as escolhas feitas ao longo da vida que cada pessoa, elas traçam as identidades desses jovens e o caminho que vão trilhar. Mas é necessário ressaltar a desigualdade presente na condição juvenil, as escolhas não são feitas frente a um mar de possibilidades, existem diversas barreiras que impedem ou dificultam o acesso às oportunidades. As desigualdades na condição juvenil estão estabelecidas sobretudo pela condição econômica da família desses jovens e a classe social. A autora ressalta que a diminuição das fronteiras através da tecnologia tem alterado aos poucos essa realidade, mas mesmo assim as possibilidades são limitadas.

Certamente, nada disso anula apropriações diversas e a multiplicidade de vivências baseada nas diferenças de renda, gênero, raça, etnia e local de moradia. Porém, mesmo em um cenário de profundas desigualdades sociais, não é impossível que grupos de jovens socialmente distantes tenham acesso às mesmas informações sobre determinados assuntos e estabeleçam inéditos diálogos sobre a participação juvenil e a construção da democracia. (NOVAES, 2007, p. 100)

Os jovens possuem uma vida social intensa e plural, dividem as atividades da escola, com o estudo de línguas estrangeiras, aulas de dança, trabalho, prática de esportes, encontros religiosos, jogos online, idas ao shopping, entre outras coisas. Nesse sentido eles estão inseridos, ou melhor, são vistos em vários ambientes sociais. Mas o ambiente escolar se tornou sinônimo de juventude, o entendimento sobre o que é ser jovem e como a transição para a vida adulta ocorre está diretamente ligado a escolaridade. A escola passou a ser o “ambiente natural” dos jovens na contemporaneidade (NOVAES, 2007).

Durante seis meses frequentei a Escola Estadual Messias Pedreiro, localizada no setor central da cidade. E durante um pouco mais de dois meses frequentei a Escola Estadual Professor Inácio Castilho, localizada no setor sul, ambientes escolares onde estabeleci relações com alguns jovens estudantes. Na minha vivência nessas escolas percebi que existe uma diferença no perfil dos estudantes, como a composição familiar, a idade e a inserção no mercado de trabalho. Mas existem pontos comuns como: as atividades de lazer, a relação de amizade na escola e o próprio fato de estarem cursando o primeiro ano do ensino médio.

Claramente existem diferenças entre as escolas, cada uma apresenta um corpo diretor e docente diversificado, que possui certa autonomia para direcionar e escolher as atividades feitas nas escolas. O próprio espaço geográfico em que as escolas estão localizadas altera o público que ela atende. Sobre essas duas escolas que fiz pesquisa vou

falar mais detalhadamente para frente. Gostaria de ressaltar a pesquisa “Novos desafios para o ensino de Sociologia: jovens em trânsito”, coordenada pela Profa. Cristiane Fernandes da Silva, feita em Uberlândia entre as escolas públicas de ensino médio, que indica a questão da diversidade presente entre as escolas da cidade.

O Ensino Médio na cidade de Uberlândia se configura por meio da heterogeneidade geográfica, socioeconômica e cultural, tanto dos estudantes quanto das escolas. Esta relação é notória quando comparamos as idades, as rendas, as religiões dos discentes nas diversas escolas aferidas as suas regiões. (SILVA et al., 2018, p.227)

Em relação aos pontos com mais disparidades entre os 22 jovens que entrevistamos nessas escolas o perfil fica assim: na Escola Messias Pedreiro a maioria dos jovens está na faixa etária de 14 à 15 anos, a maior parte mora com os pais, não trabalha e suas atividades fora do ambiente escolar são curso de línguas estrangeiras e a prática de esportes. Na Escola Inácio Castilho a faixa etária é mais extensa indo dos 15 aos 18 anos, o núcleo familiar desses jovens é mais variado alguns moram com os pais, outros com os avós ou apenas com as mães, a inserção no mercado de trabalho ou a procura por um emprego é mais recorrente e suas atividades fora da escola estão voltadas para cursos técnicos.

A inserção no mercado de trabalho foi a maior diferença da condição juvenil apresentada nas escolas. A procura por emprego está mais presente entre os estudantes da Escola Inácio Castilho, existe uma preocupação maior entre boa parte dos jovens com o mercado de trabalho, assim aqueles que não trabalham estão fazendo cursos técnicos. Já na Escola Messias a busca por emprego não pareceu ser uma questão de preocupação imediata para os jovens, apenas dois demonstraram interesse em ter um emprego imediatamente. Não fiz uma pesquisa direcionada para a questão do trabalho e juventudes, não posso apresentar dados mais completos que ajudariam a entender melhor essa variação entre as escolas. Todavia, quando analisado os dados nacionais sobre juventudes e a condição do trabalho temos esse cenário apresentado pela Pesquisa Agenda Juventude Brasil:

É importante notar também que mais de um quinto desses jovens vivem conjuntamente os dois mundos, ao conciliar escola e trabalho (14%) ou ao procurar trabalho enquanto estuda (8%). Os dados são semelhantes àqueles levantados pelo Censo 2010, que apontam 53,5% dos jovens de 15 a 29 anos trabalhando e 36% estudando. A proporção daqueles que estão simultaneamente no mundo da escola e no mundo do trabalho também é coerente com os dados da pesquisa: 22,8%. (AGENDA JUVENTUDE BRASIL, 2013, p. 24)

Um dos motivos apontados que levaram esses jovens ao mundo do trabalho, alguns com 14 e 15 anos, é a busca por uma independência financeira, nem que seja parcial; a importância de ter o seu próprio dinheiro está na fala de todos os jovens entrevistados. A necessidade em contribuir na renda familiar também é apontada como um motivo na busca por um emprego.

Em relação ao perfil religioso dos entrevistados na Escola Messias Pedreiro encontrei três segmentos: os sem religião, os católicos e os evangélicos¹. Se identificaram como sem religião 6 jovens, como católicos uma e como evangélico três. Sendo que um jovem não conseguiu se definir como sendo ou não religioso. Na Escola Inácio Castilho não há diferenças em relação à filiação religiosa dos entrevistados no Messias, assim: quatro estudantes se identificaram como sem religião, católicos são três e três evangélicos.

Na pesquisa “Novos desafios para o ensino de Sociologia: jovens em trânsito”, coordenada pela Profa. Cristiane Fernandes da Silva, que aplicou questionário entre estudantes de diferentes escolas de Uberlândia, no ano de 2018, obteve-se os seguintes dados entre alunos de primeiro e terceiro ano, matutino e noturno, na escola Inácio Castilho: 33,7% se identificam como católicos, 33,7% evangélicos, 25,8% sem religião, candomblé/ umbanda 1,1%, outra 2,2%. Infelizmente nessa pesquisa não ocorreu a coleta de dados na escola Messias Pedreiro, mas uma análise preliminar dos dados indicou que as escolas do centro tendem a concentrar mais estudantes católicos e nas periferias, mais evangélicos.

Além disso, dados sobre o pertencimento religioso entre estudantes de Ensino Médio do estado de Minas Gerais, obtidos na pesquisa “Religião, Cultura e Política entre a juventude de Minas Gerais” em 2009 aplicou questionários em Minas Gerais na zona da mata, na capital, no centro sul, no norte e no triângulo mineiro, indicam que: 79,4% declararam-se católicos, 6,6% pentecostais, 7,7% protestantes, 2,4% espíritas, 0,3% religião afro e 5,1% sem religião. Nesse contexto, observam os autores que o triângulo mineiro destoa do restante do Estado por concentrar maior número de evangélicos e espíritas, e menor número de católicos em relação à média mineira. Segundo o Censo

¹ O termo “evangélicos” abrange protestantes clássicos (ou evangélicos de missão), pentecostais e neopentecostais.

2010, no Brasil todo, jovens entre 15 e 17 anos 63,4% são católicos, 22,9% são evangélicos, 1,3% são espíritas, 0,2% são da Umbanda e Candomblé, 2,6% apresentam outras religiosidades e 9,4 são sem religião.

É importante ressaltar a questão da intolerância religiosa. Em minha pesquisa foram relatados casos de intolerância religiosa vivida por alguns estudantes dentro do ambiente escolar. De acordo com o Ministério dos Direitos Humanos o número de denúncias sobre discriminação religiosa aumentou nos últimos anos, sendo o ano de 2016 o maior de denúncias com 759. Os dados sobre as denúncias de 2018 mostram uma queda em comparação com o ano anterior, sendo que no ano de 2017 foram feitas 537 e em 2018 foram 210 denúncias feitas. Contudo o número de registro de intolerância religiosa permanece alta, sendo os religiosos de matriz africana as maiores vítimas. No ano de 2018 a intolerância em relação aos praticantes da umbanda correspondeu a 16,19%, do candomblé 9,52%, católicos 0,48%, evangélico 7,62% e os que não informaram a religiosidade são 44,76%. (Fonte: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos)

Entre os jovens entrevistados nas escolas de Uberlândia, seis relataram ter sofrido ou presenciado uma situação de intolerância religiosa. Não apareceu entre os entrevistados jovens que se identifiquem com as religiões de matriz africana. Mas duas jovens evangélicas, outra “não religiosa”, mas que diz que é obrigada pelos pais a frequentar a igreja católica, narram que sofreram discriminação religiosa no ambiente escolar. O outro jovem de 15 anos que não conseguiu se identificar como religioso ou não relata ter sofrido discriminação em um curso preparatório para o mercado de trabalho. Por fim dois jovens relataram que seus colegas foram discriminados, um pelo fato de ser judeu e uma outra por usar “roupas religiosas” que eram compridas e menos decotada.

A seguir irei fazer uma descrição mais detalhada das escolas nas quais desenvolvi minha pesquisa, como foi a minha chegada, o processo para iniciar o trabalho de campo, as dificuldades e desafios que encontrei.

1.1 MESSIAS PEDREIRO

A Escola Estadual Messias Pedreiro, foi a primeira escola que tive contato. Nela fiz minha Iniciação Científica que agora dá base para esse trabalho. A escola fica localizada no bairro Cazeca da cidade de Uberlândia. É uma escola central que atende

alunos de toda a cidade, e é bem conhecida entre a população uberlandense por ser uma escola entre as públicas que apresenta bons resultados no Enem e no vestibular da UFU. Esse fato faz com que a escola tenha uma lista de espera grande de inscrições de alunos. Lembro que em uma das reuniões que tive com a diretora Miriam, ela me apresentou uma lista de mais de 600 alunos matriculados no primeiro ano do ensino médio e mesmo assim a escola ainda estava com uma lista de espera enorme.

O Messias é uma escola com uma área construída média, mas que ficava pequena com a quantidade de alunos que a escola tem. Em horários como o recreio e o final das aulas era difícil caminhar pela escola. Em algumas salas de aula também era difícil se locomover, as turmas em média eram de 40 alunos. Alguns cômodos da escola, como laboratórios, foram alterados para virarem sala de aula e atender mais alunos, geralmente eram nesses espaços que ficava difícil andar entre as carteiras.

Meu primeiro contato com a escola é anterior a minha entrada na universidade. Foi no Messias que fiz todo meu ensino médio. O fato de a escola ser perto da minha casa e ser um local familiar que frequentei durante três anos, me fez procurá-la quando precisei fazer estágio obrigatório na graduação. Iniciei o estágio no segundo semestre de 2017 mesmo período que iniciei minha iniciação científica. Desde minha primeira ida à escola tinha em mente tornar aquele ambiente escolar palco da minha pesquisa. Ao longo das minhas observações a imagem que eu possuía do Messias foi ganhando novas nuances, assim gradativamente minhas observações como pesquisadora e estudante de Ciências Sociais foram se sobrepondo às memórias de estudante do ensino médio.

A escola desde o princípio se mostrava como um espaço secular. Nas paredes não havia escrito frases de cunho religioso, nas aulas de sociologia que acompanhei o tema religião foi abordado apenas uma vez, quando o professor fez um apanhado histórico do poder da igreja católica na idade média. Ao longo dos dois semestres que estive na escola sempre estava tentando observar as relações entre os jovens e aspectos religiosos, mas minha figura como pesquisadora só foi vista pelos estudantes no ano de 2018, quando comecei a fazer as entrevistas. Até esse momento eu era vista como a estagiária do professor Heitor de sociologia

Até obter a autorização da direção da escola não consegui aprofundar no trabalho de campo. Eu até poderia ter conversado com estudantes fora da escola, mas isso poderia prejudicar minha imagem com a direção e colocar toda a pesquisa em risco. Como eu estava condicionada a algumas regras para fazer a pesquisa, isso acabou afetando no número de entrevistas. O termo de autorização foi a regra que mais limitou a quantidade

de entrevistados, pois levava cerca de duas semanas o processo de entrega e o recolhimento dos termos até ser feita a entrevista.

Mesmo com todas essas barreiras, o trabalho de campo ocorreu de maneira dinâmica e tranquila. Todas as entrevistas foram feitas antes do horário escolar começar, às 13 horas. Eu combinava o dia com o jovem que chegava na escola mais cedo, assim as entrevistas não interferiam nas aulas.

1.2 INÁCIO CASTILHO

A Escola Estadual Professor Inácio Castilho foi a segunda que fiz o trabalho de campo. Fica localizada no bairro Santa Lúcia, em uma região mais periférica da cidade. Possui um espaço físico grande, mesmo que a área construída da escola não ocupe todo ele. Diferente do Messias, em que existe uma sobrecarga de alunos, o número de estudantes no turno da manhã na Inácio é mais normalizado. Meu contato com a escola foi por meio do estágio obrigatório. A princípio minha pesquisa ficaria focada nas entrevistas já feitas na escola Messias Pedreiro e um aprofundamento bibliográfico do tema, contudo na minha segunda ida a escola Inácio Castilho, no dia em que eu iria ministrar uma aula de sociologia para o primeiro ano do ensino médio, ocorreu na escola um evento religioso de participação obrigatória a todos os alunos. Por conta do evento não consegui dar a aula, e como já estava na escola acompanhei a atividade.

O evento tinha como nome “sexta-feira cultural” ocorreu na quadra poliesportiva da escola, um espaço que possui um pequeno palco no canto da quadra. A atividade se dividiu em três momentos. O primeiro momento foi composto por músicas gospel, parte da banda era de jovens da Igreja Sal da Terra, por alunos e por professores da escola. O teatro compôs o segundo momento, a peça era composta por movimentos corporais, músicas e alguns objetos. Contava a história de uma jovem, que no começo de sua vida vive em harmonia, e é guiada e protegida pela figura de Deus, que foi representado no teatro por um jovem que vestia roupas brancas. No decorrer da peça essa jovem vai sendo “tentada” por influências negativas; cada influência foi encenada por um jovem, entre as influências estão o uso de bebida alcoólica, o uso de outras drogas, a prostituição, entre outras que gradativamente ficam mais letais, assim as últimas representações são de um ser maligno, que tem sua caracterização que lembra a incorporação de uma entidade de matriz africana e um jovem com uma arma que incentiva a moça a cometer suicídio. Já

caminhando pro final da peça a jovem está desamparada, triste e pensando em cometer suicídio, então diante desse momento de extrema desesperança a jovem quer se libertar dessas influências negativas e busca a figura de Deus. Por um momento as influências negativas não a deixam e tentam segurar a menina, mas ela consegue voltar para os braços de Deus e ter uma vida harmoniosa novamente, sendo esse momento o final da peça.

A peça não é muito longa, dura em torno de 15 a 20 minutos. Há uma melodia ao fundo que marca os momentos bons, tristes e tensos. No terceiro momento um dos jovens que esteve presente na peça vai à frente e começa a narrar que aquela peça representava a vida dele, nesse momento ele fala do seu envolvimento com as drogas e como Deus e a igreja o salvaram. Ele também passa o contato da igreja e o horário dos encontros na célula (um grupo pequeno, mais fechado, que realiza encontros fora do espaço da igreja semanalmente) e dos cultos.

Durante minha trajetória acadêmica raras vezes tive contato com eventos religiosos dentro do ambiente escolar, assim esse evento na escola Inácio Castilho me chamou a atenção por alguns motivos. Primeiro pelo cunho religioso, segundo por ser obrigatória a presença dos alunos e por último por uma parte do corpo escolar (alunos e professores) estar envolvido diretamente na organização do evento. Naquele momento senti que era necessário estender minha pesquisa, estudar como era a relação que aqueles jovens tinham com o religioso e como isso ocorria naquele ambiente escolar.

Como já coloquei a coordenação da Escola Inácio Castilho foi muito flexível em relação à pesquisa de campo. Na reunião com a coordenadora ficou estabelecido que iria fazer as entrevistas com os estudantes da turma do primeiro ano do ensino médio que eu acompanhava no estágio. Essa escolha foi feita porque imaginei que as entrevistas fluíram melhor entre os jovens com os quais eu já tinha um contato maior. Também ficou combinado os dias que eu poderia ir à escola para fazer a pesquisa, sendo que, eu estaria livre para fazer as entrevistas em todo o horário da manhã. Os professores foram avisados da pesquisa e o aluno que tinha interesse em participar era liberado da sala pelo professor ou professora para encontrar comigo no pátio.

No momento em que tive a reunião e o aval da coordenadora para realizar a pesquisa de campo aproveitei o horário de aula de sociologia em que estava lecionando para explicar a pesquisa aos estudantes e a necessidade de fazer entrevistas com eles. Uma parte dos estudantes da turma concordou em participar e ao longo de duas semanas eu conversei com onze jovens. Um fato curioso é que boa parte dos entrevistados gostaram do teatro e acham importante ter eventos como aquele na escola.

Dessa maneira dou sequência no texto mostrando como é o perfil dos jovens de ambas as escolas que declararam filiação religiosa a uma religião institucionalizada. Mesmo uma escola tendo se mostrado mais receptiva a eventos de natureza religiosa no ambiente escolar, o número e o perfil de filiação religiosa são próximo entre os entrevistados das duas escolas, alterando apenas o fato que, na Escola Inácio Castilho, alguns jovens se colocaram favoráveis a ter mais eventos religiosos na escola.

2. A ESCOLHA DA FILIAÇÃO RELIGIOSA

Em minha pesquisa, parte dos jovens que entrevistei colocaram sua religiosidade como base fundamental da sua vida, assim a dimensão religiosa desses sujeitos tem uma centralidade importante nas experiências vividas por eles. Nesse sentido, Perez nos alerta: “Os jovens - para surpresa de muitos que ainda insistem em pensar que juventude é mera rebeldia sem causa ou agência de utopias - demonstram um vivo interesse por religião.” (PEREZ, 2009, p.100). De acordo com o Censo de 2010:

Entre 1980 e 2010, os católicos declinaram de 89,2% para 64,6% da população, queda de 24,6 pontos percentuais, os evangélicos saltaram de 6,6% para 22,2%, acréscimo de 15,6 pontos, enquanto os sem religião expandiram-se num ritmo ainda mais espetacular: quintuplicaram de tamanho, indo de 1,6% para 8,1%, aumento de 6,5 pontos. O conjunto das outras religiões (incluindo espíritas e cultos afro-brasileiros) dobrou de tamanho, passando de 2,5% para 5%. (MARIANO, 2013, p.119)

O Censo de 2010 e pesquisas quantitativas e qualitativas mais recentes mostram que, dentro do perfil religioso dos jovens brasileiros, muitos mantêm vínculos com as religiões institucionalizadas, sobretudo, a religião católica e a evangélica. Na pesquisa de 2013 feita pela Secretaria Nacional da Juventude sobre o perfil dos jovens brasileiros os dados de filiação religiosa são os seguintes, na faixa etária de 15 a 17 anos: Os católicos representam 49,2%, os evangélicos 31,4%, os espíritas kardecistas 0,9%, e outras religiões 0,9%. Enquanto no Censo 2010 o perfil religioso ficou distribuído assim: na faixa etária de 10 a 14 anos os católicos são 62,6%, evangélicos 25,4%, espírita 1,2%, umbanda e candomblé 0,2%, outras religiosidades 2,8%; na faixa etária de 15 a 17 anos católicos 63,4%, evangélicos 22,9%, espírita 1,3%, umbanda e candomblé 0,2%, outras religiosidades 2,6%; na faixa etária 18 ou 19 anos católicos 64,0%, evangélicos 21,4%, espírita 1,4%, umbanda e candomblé 0,3% outras religiosidades 2,5% .

Como demonstra os perfis nacionais, a proporção de católicos e evangélicos representam maioria absoluta, e essa proporção se manteve entre os estudantes entrevistados por mim nas escolas de Uberlândia. O perfil dos entrevistados em relação ao pertencimento religioso se divide em dois: católicos e evangélicos, sendo que na Escola Messias Pedreiro os evangélicos são predominantes em relação aos católicos e na Escola Inácio o número de jovens católicos e evangélicos são iguais.

Por mais que em termos de diversidade de pertencimento religioso o perfil não seja expressivo, quando analisamos a relação que esses jovens estabelecem nesses

espaços religiosos a diversidade aparece. Novaes discorre sobre a importância das instituições religiosas entre os jovens brasileiros:

Por outro lado, as instituições religiosas continuam produzindo espaços para jovens, onde são construídos lugares de agregação social, identidades e formação de grupos que podem ser contabilizados na composição do cenário da sociedade civil. (NOVAES, 2005, p. 289)

Como lugar de “agregação”, as religiões institucionalizadas se tornam um espaço de convivência para os jovens, um espaço para o lazer. “Ir à igreja e/ou ao culto, participar de associações e atividades religiosas é para muitos dos jovens entrevistados um elemento fundamental de sociabilidade, que compõe sua agitada rotina” (PEREZ, 2009, p.121).

A relação que o jovem Vicente, entrevistado de 15 anos, tem com os eventos da igreja católica ilustra essa situação. Ele mudou para Uberlândia há pouco tempo e não tem muitos amigos na escola, assim as relações que estabelece dentro da igreja são importantes para sua sociabilidade.

Lá, além de ser um lugar de um bom ambiente, eu ajudo nas celebrações, quando tem missa eu ajudo, participo de grupos lá dentro também. Grupos de jovens essas coisas assim. Eu vou nos domingos, segunda e terça.

Além de ser um espaço sociabilidade para alguns é também um espaço de convivência desde a infância, onde esses jovens estabeleceram ao longo da vida laços de amizade e comunidade. A jovem Rute de 17 anos evangélica da Igreja Adventista da Promessa, quando narra sua vida coloca a igreja não somente como um espaço em que ela vive o religioso, mas também estabelece laços de amizade.

Eu vou (na igreja) porque eu gosto de estar lá, eu gosto de conversar com as pessoas, de relacionar com elas, e muito mais. Lá eu sou professora, eu sou professora da escola bíblica, então como eu passo conhecimento eu também adquiro com eles e é muito bom, é incrível, e é uma coisa que me fez ficar. Eu gosto das pessoas que estão ali, são minhas famílias e eles me conhecem desde pequena e eu conheço eles também.

Entre os jovens que entrevistei, muitos mantiveram a mesma filiação que seus pais. Quando perguntados sobre o peso da herança familiar religiosa, alguns colocam a influência da família, mas sempre ressaltando a questão individual da escolha, assim “não se pode negar que, para esses jovens, a religião já não é mais exclusivamente uma herança familiar, e a escolha individual tem um peso que não é negligenciado” (PEREZ, 2009, p.105). O relato de Rute ressalta a discussão feita por Perez (2009).

Quando eu era pequena eu ia porque meus pais eram, quando eu comecei a entender que isso era importante na vida e que precisava, não era que eu precisava, mas que eu queria estar ali e gostava aí eu comecei a ir por conta própria.

O depoimento de Loize de 14 anos também:

Eu frequentava a igreja por causa da minha mãe, e tipo, eu não gostava muito, porque eu olhava muito pra religião em si, pras regras e tudo mais, só que com o passar do tempo que eu fui convivendo e vendo as coisas com o meu olhar mesmo, eu fui percebendo que eu gosto de estar ali, que é um lugar que faz me sentir confortável, então acabou que foi uma decisão minha mesmo.

A importância da família na escolha religiosa foi ressaltada por Viviane de 14 anos se identifica como evangélica cristã em seu relato ela coloca que ir a igreja sempre esteve presente na sua vida. Ela divide seu tempo entre o curso profissionalizante, a escola e os ensaios da banda da igreja. Para ela a relação que a família tem com a igreja a guiou na sua escolha religiosa.

A minha família é basicamente toda evangélica, então eu sempre fui criada dentro da Shalom ou da Congregação. Eu vou na Shalom e eu gosto de lá, porque o que eu não posso fazer na Congregação eu faço na Shalom, porque eu sou uma pessoa que gosta muito de brinco, maquiagem e na Congregação não pode. Ela (mãe) me leva na Shalom desde os meus cinco anos e basicamente eu fui criada lá dentro então foi influenciando mesmo de estar lá. Eu vou toda semana.

A referência dos pais na religiosidade também foi pontuada pelo jovem Otto de 15 anos, que vem de uma família de evangélicos cristãos ele possui a mesma filiação que os pais. Frequenta a Igreja Quadrangular e a Igreja Videira. Quando perguntado sobre o que levou a permanecer na igreja ele coloca:

Pelo meu ver ela emprega melhor as leis de Deus e essas coisas, não sendo tão rigorosa como algumas outras (igrejas). [...] Ah os pais né, porque geralmente eles levam essa ideia que a gente deve seguir a religião deles, sendo que meu pai era Católico e passou a ser evangélico. Foi antes de eu nascer, quando ele conheceu minha mãe.

Há pouco trouxe o relato da jovem Loize, agora gostaria de analisar mais a fundo sua fala, sobretudo esse trecho: “eu olhava muito pra religião em si, pras regras e tudo mais, só que com o passar do tempo que eu fui convivendo e vendo as coisas com o meu olhar mesmo”(Loize, 14 anos). Esse relato nos permite refletir a maneira com que esses

jovens estão interpretando os dogmas religiosos. Novaes escreve: “Para ter acesso à Bíblia, por exemplo, os jovens brasileiros não precisam desconsiderar a autoridade dos padres ou outros mediadores religiosos tradicionais, nem precisam a eles se submeter” (NOVAES, 2004, p. 265).

Naturalmente a incorporação dos dogmas religiosos são feitos de maneiras diferentes, cada sujeito, seja adulto, jovem ou criança absorve ou ressignifica as regras religiosas ao seu modo. Mas para além dos encontros tradicionais (culto, missa, novena, etc) é cada vez mais comum dentro das igrejas espaços autogeridos por fiéis, sem a supervisão direta de pastores, padres ou pessoas com uma superioridade hierárquica. Nessa nova configuração os grupos organizados por jovens, denominado como o grupo de jovens, tem ganhado destaque, sobretudo por representar uma nova roupagem das religiões institucionalizadas.

Os grupos de jovens possibilitaram o surgimento ou a criação de mais espaços para os jovens expressarem sua religiosidade a seu modo. Além de ser um espaço em que eles geralmente se sentem mais à vontade, pois estão falando com seus iguais, possibilitando uma maior identificação entre esses jovens religiosos. Assim mesmo não concordando com tudo que é pregado pelo pastor Loize continua a frequentar a igreja, pois suas atividades estão mais voltadas pros jovens.

Eu vou aos sábados, aos domingos e segunda feira, a gente tem uma espécie de célula, tipo um PG. Uma coisa que me incomoda muita é porque tipo, algumas pessoas seguem isso ao pé da letra, tipo minha mãe por exemplo, ela segue essas coisas de forma muito rigorosa. Então sei lá, eu acho que a Bíblia tipo assim, beleza é um livro sagrado, mas foi escrito há muito tempo, muita coisa mudou. Então eu acho que a gente meio tem que se adaptar a essas coisas. É lógico que tem ter um equilíbrio entre aquilo que a gente acredita e aquilo que a gente é e o que vive hoje, mas é mais assim a questão das regras meios chatas que tem. [...] Participo mais de uma parte da igreja voltada pros jovens então lá eles não falam muito disso.

Sentir que faz parte da comunidade religiosa é a questão central que faz com que esses jovens se tornem mais frequentes nas atividades das igrejas. A união, o acolhimento e as amizades feitas nesses ambientes são elementos essenciais para a permanência desses jovens nas religiões institucionalizadas. Aqueles que não conseguem fazer/ manter amizades ou que por algum motivo os amigos saem da igreja, acabam deixando de frequentar esse ambiente, mesmo que isso não interfira em sua religiosidade. Durante minha pesquisa dois jovens relataram como a falta de amigos os deixaram desanimados em ir a igreja.

O jovem Max de 18 anos vem de uma família de católicos, foi convidado por amigos para frequentar uma igreja evangélica, mas deixou de frequentar a igreja evangélica depois que seus amigos mais próximos pararam de ir. Hoje ele se identifica como católico e vai a igreja esporadicamente com a mãe.

Eu participei muito, já fui evangélico, agora sou católico. Eu era católico por causa da minha vó e dos meus pais, aí eu fiz o catecismo, depois a crisma, aí depois eu fui pro evangélico. Eu fui com amigos assim que eu conhecia. Aí eu fui na igreja, gostei bastante era muito divertido, outra coisa. Aí eu fiquei lá a bastante tempo, tinha meu grupo de dança, meu grupo de jovem. Eu fiquei um ano e meio. Era muito longe e também eu já não estava mais interessado. Fui distanciando aos poucos e acabei não interessando mais, saindo do grupo de dança. Foi mais porque vários amigos meus de lá saíram, mesmo assim, eu não estava lá por eles, estava lá por causa de Jesus e de Deus, pela religião mesmo. Mas aí acabei não interessando por tanto tempo.

O jovem Cícero de 17 anos frequentou a igreja Assembleia de Deus, e seu afastamento ocorreu pelo fato de não ter feito amizades dentro da igreja.

Tipo assim eu não vou em igreja, eu ia em igreja, mas agora não vou mais. Mas tipo assim eu creio em Deus, minha fé, então me considero, (uma pessoa religiosa) porque eu creio em Deus até o fim. Eu ia lá na Assembleia de Deus, aquela lá da Rondon grandona. [...] Ah sei lá eu desanimei, preferia ficar em casa. Tipo assim, eu ia todo domingo de noite aí preferia ficar em casa do que ir para a igreja, entendeu?! Mais de boa, mais quieto. [...] Nos dias da igreja vai ter uma festa que dava pra você ir. Aí sempre vai ter mais amigos me chamando pra festa, do que amigos pra igreja. Tipo amigo de igreja eu nem tenho, só ia com minha família mesmo, por isso, tipo assim, eu ia em uma festa eu conhecia todo mundo e todo mundo ficava amigo de todo mundo. Lá na igreja já não fazia amizade. Não tinha amigo lá e ir sozinho eu achava meio ruim.

Outro motivo que pode gerar um afastamento desses jovens das igrejas são as intrigas entre os membros da comunidade religiosa. A falta de união entre as pessoas nas igrejas é uma reclamação presente em alguns relatos. Mesmo que para muitos essa falta de união não desencadeia a saída da igreja, é esse o ponto que muitos colocam quando questionado o que mudariam em sua religião. No relato de Rute fica evidente seu incômodo com as “panelinhas” dentro da igreja:

Eu acho que algumas pessoas deveriam se relacionar mais, não ter as panelinhas, se unir mais.

Entrevistadora - Lá tem panelinha?

Entrevistada - Não muito, antigamente tinha muito panelinha, mas hoje não muito. Panelinha de conversa mesmo, só fica nós dois aqui não se enturma muito, mas era muito assim, mas hoje não tanto.

Para Micaele de 17 anos as intrigas a levaram a parar de frequentar a igreja. Estava na igreja desde sua infância, mas pelo fato de não seguir as regras da igreja, ela não conseguia estabelecer laços de amizades.

Eu saí, porque como eu não gostava de conversar com ninguém e eu não sou de chegar na pessoa pra conversar ou a pessoa vem conversar comigo ou não converso e aí que não queria ir mais e saí e por muitos problemas com pessoas, tipo perdi confiança com o pastor, entendeu?! Porque aconteceu uma coisa na minha vida, que minha mãe passou pro pastor e ele foi e contou pra igreja inteira, assim ele passou para as irmãs e as irmãs passou pros maridos e os maridos contou pra todo mundo, aí todo mundo descobriu. [...] Meu pai era o capitão do grupo, ele era obreiro e minha mãe era professora de criança e aí meu pai perdeu o cargo de ser capitão do grupo e eu acho que foi pelo fato de ser meio que assim, não ser igual os outros jovens da igreja... eles é bem santinhos, pelo menos na igreja e eu sempre fui do mesmo jeito que eu sou em casa eu sou na igreja, do jeito que eu sou nos lugares, não sigo muito as regras. Aí eu acho que meu pai saiu por causa de mim, aí minha mãe ficou revoltada com essas coisas e saiu também do cargo de professora de crianças e saiu da igreja também, meu pai continuou e eu saí também, mas eu to indo na Assembleia, tipo muito raro, não é igual como eu ia na Maranata. Tem uns oito meses. Foi a melhor coisa que eu fiz nessa vida. Mas tipo eu sinto falta ainda, porque eu sou dessa igreja desde quando eu nasci entendeu?! E aí como eu fui pra outra igreja, não é que eu fui, eu não faço parte dessa igreja eu só frequento ela e é muito diferente então eu sinto muita falta da igreja que eu era antes.

O afastamento da Micaele causado principalmente por diferenças pessoais entre os membros da igreja fez ela procurar outro espaço religioso evangélico com os princípios religiosos parecidos com a antiga igreja que ela frequentava, mas sua dedicação não é mais a mesma. Esse transitar entre igrejas evangélicas ou em outras religiões principalmente a católica é um fato presente na trajetória de vida de muitos jovens que entrevistei. O trânsito religioso desses jovens esteve mais associado a fatores de sociabilidade e integração, como, por exemplo, ter amigos e ser aceito pelos outros fiéis da igreja.

Dentro da riqueza que cada relato trouxe de como esses jovens estão vivendo o religioso, podemos ressaltar a importância da família sobre a filiação religiosa desses jovens, mesmo que a escolha individual seja valorizada e ressaltada, não se pode negar o peso que a família tem. O peso da família sobre a dimensão religiosa foi uma questão que também observei entre os jovens que se declaram “sem religião”. Muitos deles vêm de um contexto familiar religioso parecido, sendo os familiares católicos ou evangélicos. Irei descrever no próximo capítulo as questões que envolvem a dimensão religiosa desses jovens.

3. OS SEM RELIGIÃO

Os jovens que se declaram “sem religião” aumentam a cada Censo, chegando no último Censo de 2010, realizado pelo IBGE, a representar 15,3 milhões de brasileiros, o que corresponde a 8,1% da população. Em relação à faixa etária, o Censo 2010 coloca que sujeitos que se declaram sem religião são mais frequentes entre os jovens e adultos jovens, correspondendo na faixa etária de 10 a 14 anos a 7,6%, 15 a 17 anos 9,4%, 18 e 19 anos 10,3%. Fiz o recorte dos dados baseado na idade dos jovens que entrevistei (14 a 18 anos).

Mas se existe um aumento e uma representação significativa dos “sem religião” na sociedade brasileira, não se pode afirmar que essa parcela da população seja composta apenas de ateus ou agnósticos, sendo estes correspondentes de uma pequena fração dos “sem religião”. Em suas pesquisas e trabalhos a antropóloga Regina Novaes (2004) há décadas vem destacando o aumento entre os jovens de 15 a 24 anos que se declaram “sem religião”.

Hoje e ontem há jovens que se definem como "ateus" e "agnósticos", mas certamente em nenhuma outra época houve tantos jovens se definindo como "sem religião" que poderiam também ser classificados como "religiosos sem religião", isto é, adeptos de formas não institucionais de espiritualidade que são normalmente classificadas como esotéricas, nova era, holísticas, de ecologia profunda etc.(NOVAES, 2004, p.323)

Para Novaes (2004) o aumento dos “sem religião” pode estar relacionado a alguns fatores como: o “espírito de época”, o ideário secularizante e as modalidades sincréticas. O “espírito de época” existente entre aquelas pessoas que possui a crença em Deus, contudo rejeitam as instituições religiosas ou circulam entre as instituições. O ideário secularizante existente entre agnósticos e ateus. As novas modalidades sincréticas estão relacionadas a crescente pluralidade de escolhas no ambiente religioso, tal amplitude, combinada com perda da influência da igreja católica no território brasileiro permite adesão em diferentes tipos de crença do universo religioso.

A socióloga Sílvia Regina Alves Fernandes em seus estudos sobre religiosidade destaca que o fenômeno dos “sem religião” estampa um momento de redefinição de identidade dos sujeitos. Um fenômeno que está vinculado a uma “(re) construção de identidade [...] em que os fiéis buscam elementos mais subjetivos ainda que possam valorizar aspectos da tradição” (FERNANDES, 2012, p.23). Dentre aqueles que se declaram “sem religião” a pesquisadora traça o perfil de cinco tipos.

O primeiro perfil é composto por indivíduos com a própria religiosidade, esses sujeitos já foram vinculados a alguma religião tradicional e mantêm partes de suas crenças e, por vezes, associam parte dessa crença a elementos do universo nova era². O segundo são os sujeitos que não possuem nenhuma ligação a religiões tradicionais ou o universo novo era, mas possuem a crença em Deus, sendo que os agnósticos podem ser incluídos nesse perfil. O terceiro perfil é composto por sujeitos que entendem as religiões como alienantes. O quarto são os ateus. O quinto é o perfil tradicional dos sem religião que se colocam como sem religião, pois não frequentam igrejas.

Os sem religião são considerados uma categoria heterogênea composta por sujeitos que vivenciam o religioso ao seu modo. Dessa maneira ao longo dos tempos a categoria vem ganhando novos contornos. A religiosidade dos sujeitos está em contato com questões da política, de identidade, círculo social, gerando assim confrontos, conformidade, amizades e inimizades.

Os jovens entrevistados por mim apresentavam histórias de vidas em relação à dimensão religiosa com características comuns como apontadas por Novaes (2004), principalmente sobre o conceito de “espírito de época” trabalhado pela autora. E também se encaixam em alguns perfis traçado por Fernandes (2012). Entre o grupo de jovens que entrevistei na Escola Estadual Messias Pedreiro e na Escola Estadual Inácio Castilho a declaração de “sem religião” esteve bastante presente, representando 45,45 % em relação a todos os entrevistados.

A maior parte dos entrevistados já tiveram ou mantêm contato com religiões institucionalizadas, assim esses sujeitos frequentam de maneira esporádica ou frequentavam igrejas e centros espíritas com os pais ou os avós, mas não conseguem estabelecer um vínculo. A razão para que isso ocorra é múltipla e cada história de vida apresenta nuances diferentes, mas algumas experiências desses jovens são próximas e tem pontos comuns.

Uma parcela acredita em Deus, mas não estabelecem essa ligação com instituições religiosas. Assim como Fernandes (2012) aponta alguns jovens mantêm sua dimensão

² “O termo Nova Era remete a uma referência astrológica, que ao situar o plano astral a partir dos percursos do planeta e das constelações na abobada celeste, aponta para era que durariam em torno de 2000 mil anos, de modo que estaríamos no crepúsculo de uma era, e no início de uma nova, no caso, a Era de Aquário, marcada por uma série de transformações, e de superação de pólos historicamente antagônicos, seria uma época de harmonização entre os binômios corpo/mente, natureza/sociedade, masculino/feminino, dentre outros, de modo que a humanidade estarei sendo preparada para este conjunto de mudanças, a chegada do terceiro milênio, a mudança de século, fomentou este debate, ainda que o milenarismo não tome aqui o aspecto escatológico que normalmente ocupou nas narrativas judaico-cristãs.” (OLIVEIRA, 2011 p.69)

religiosa tal como a religião institucionalizada ou tradicional em que frequentavam, podendo ser acrescentado outros elementos religiosos. A resignificação de alguns dogmas religiosos e a reinterpretação da bíblia por exemplo, torna a crença do sujeito algo tão individual que eles não conseguem manter um vínculo com as religiões institucionalizadas. Outros apenas não se identificam com a prática religiosa que as religiões institucionalizadas cobram. A seguir irei abordar um pouco dessas questões tomando como base as experiências de vida relatadas a mim.

Para o Peter de 14 anos as idas à igreja se tornaram algo sem propósito. Ele vem de uma família de católicos, coloca que seus pais não são fervorosos e não vão a igreja com muita frequência, mas esse fato não o influenciou. Ele não vê sentido em defender uma religião.

Eu posso acreditar em uma coisa, a outra pessoa pode acreditar em outra, então não tem muito porque eu defender um ponto de vista que pra mim é válido e pra ela não é tão assim, por isso eu mais escuto do que falo. [...] Quando eu percebi que às vezes não tinha muito sentido, eu não sei explicar, mas, por exemplo, você pode acreditar em alguma coisa, mas você não precisa seguir sempre, você pode dar umas quebradas às vezes. [...] Eu tenho a minha própria(religião) que é acreditar em Deus.

A fala de Peter sobre não ver sentido em defender uma religião, me chamou a atenção sobre o entendimento dele de tomar uma religião como sua. Assim no caso dele se colocar como católico seria algo que negaria a diversidade religiosa ou poderia ofender alguém de outra religião. Dessa maneira, ele crê em Deus, faz orações toda noite como “pai nosso”, “ave maria” e “santa maria”, mas o fato de saber que existem outras religiões fez com que ele estabelecesse uma crença própria baseada no cristianismo, se desvinculando das igrejas institucionalizadas e seu caráter de universalização.

Vania de 16 anos vem de uma família de cristãos evangélicos que não frequentam a igreja. Ela tinha um envolvimento grande com a comunidade religiosa. Mesmo se afastando da igreja por conta das intrigas internas, manteve sua dimensão religiosa voltada para o mundo evangélico cristão. Ela se coloca como sem religião por não frequentar mais a igreja.

Eu tenho fé em Deus, mas não sou religiosa. Eu ia muito na igreja desde quando era pequena, mas agora eu parei. [...] Eu parei porque não estava me sentindo bem. [...] Eu deixei de acreditar na igreja. O que eu acredito é a mesma coisa da igreja evangélica.

O jovem Rizomar de 18 anos frequentou a igreja evangélica com a mãe quando

era mais novo. Para ele seu afastamento da igreja está ligado a uma rotina de festas, consumo de bebidas alcoólicas, a convivência com certos amigos, mas principalmente a preguiça de ir à igreja. O fato de não frequentar a igreja, faz com que Rizomar se identifique como sem religião, mas ele possui uma crença em Deus.

Eu fui crescendo e conhecendo outras coisas... Tipo assim, meus amigos né, aí já conheci a bebida também, aí eu parei de ir na igreja.
Só creio em Deus mesmo. [...] Eu creio em Deus minha crença, se eu creio em Deus não preciso ir na igreja.

Durante a entrevista Risomar reafirma sua crença em Deus em diversos momentos. Ele faz isso quando coloca os motivos de não frequentar mais a igreja, quando fala que conversa com Deus, mas principalmente quando ele conta que já pesquisou sobre o Candomblé, movido pela curiosidade despertada por um amigo desta religião.

Já dei uma olhada em outras religiões na internet... outras religiões tipo Candomblé, esses negócios assim, mas eu nunca cheguei a ir não. Eu queria ver como que é, mas eu não tenho coragem de ir não. Minha crença é Deus nesse momento agora.

Durante a entrevista a sequência de vezes e a maneira enfática que ele reafirma sua crença em Deus depois que conta que já teve uma curiosidade de saber sobre o Candomblé, me passou a sensação que ele possuía um receio das pessoas o julgaram por ter pesquisado e criado uma curiosidade sobre a religião de matriz africana. Pode ter sido uma sensação equivocada minha, mas me fez refletir sobre a força do cristianismo dentro do país e como isso pode impactar no discurso das pessoas ou como esses sujeitos narram como vivenciam sua religiosidade.

O Brasil é um país que a maior parte da população é composta por cristãos. No Censo de 2010 “a soma de católicos e evangélicos caiu de 89,5% para 86,8% entre 2000 e 2010 [...] Quase nove em cada dez brasileiros se definem como cristãos.”(Mariano, 2013, p.12). Com uma população majoritariamente cristã as religiões não cristãs acabam encontrando dificuldade de expandir seus fiéis. Mas para além da barreira da expansão de outras religiões, me questiono se esse fato pode contribuir para criar um discurso em que sujeitos afirmam acreditar em Deus apenas para evitar sofrer uma pressão social. Durante três entrevistas as experiências de vida contadas a mim me levaram para essa reflexão. Uma foi do jovem Inácio que relatou uma situação em que um colega foi constrangido na escola por não acreditar em Deus:

A pessoa não acreditava em Deus, aí a pessoa que acreditava ia julgando ela, falando que tudo existia com Deus e que não foi o Big Bang. Foi criticando falando que ela não sabia de nada, essas coisas.

Esse relato mostra como questionar ou ter uma compreensão de mundo que questiona a figura de Deus pode gerar conflitos. Um outro relato foi de Raimundo de 15 anos, ele vem de uma família católica, sua mãe o obrigou a frequentar a igreja quando ele era criança até os oito ou nove anos de idade. Durante a entrevista ele revela que não gosta de falar sobre religião:

Não sou muito ligado a religião. [...] Eu só acredito em Deus, ele está lá pronto.

Quando questionado se possuía uma religião ele se colocou como uma pessoa não religiosa e no decorrer da conversa ele foi falando não ter ligação e interesse com religião, mesmo afirmando que acreditava em Deus. Não quero e nem posso colocar em análise o fato de Raimundo crer em Deus, mas quando ele usou a palavra pronto, a maneira como ele falou e gesticulou querendo encerrar o assunto e passar pra próxima pergunta demonstrou um desinteresse da parte dele, que penso ser importante pontuar.

A maneira como Jessi de 17 anos descreve sua religiosidade e como isso impacta na sua vida também me fez refletir sobre como a figura desse Deus pode ser genérica.

Eu acredito que Deus existe, que o mundo pode melhorar. Eu durmo agradecendo pelo dia e acordo agradecendo por ter acordado, assim eu me sinto melhor.

Me pergunto até que ponto esses jovens têm abertura para viver sua dimensão religiosa a seu modo, para transitar entre os segmentos religiosos existentes na sociedade ou de negar completamente o religioso sem sofrer represálias. O Brasil é um país extremamente religioso, assim quando um jovem decide parar de frequentar a igreja ou o centro espírita pode encontrar resistência entre seus familiares mais próximos. Liam de 14 anos conta que seu afastamento da religião da família gerou conflitos. Ele vem de uma família de espíritas e começou a questionar a existência de Deus depois de assistir vídeos na internet.

Já fiz parte da espírita também. Fui até o ano passado, eu ficava indo pra centro religiosos e fazia um culto, que é tipo um reza que eu fazia com minha vó, eu e minha mãe, a gente rezava, em casa. Minha vó trabalha até hoje no centro, só que ninguém ganha nada, ela trabalha por espontânea vontade. [...] A minha

mãe não gostou muito da ideia, nem minha vó. Ela inclusive odiou eu acho, ela disse: “como é que você vai viver sem ter uma crença, sem ter uma religião”. Eu sinceramente acho que sei lá ela deveria respeitar mais, se eu não acredito. Eu respeito qualquer um, não importa a religião da pessoa.

A frase da mãe “Como é que você vai viver sem ter uma crença, sem ter uma religião” reforça como é difícil na nossa sociedade a aceitação de um sujeito cético religiosamente ou ateu. A crença é entendida como a base da vida algo que o sujeito não pode viver sem. Nesse sentido, talvez outra filiação religiosa que não seja igual da família não é um problema tão grande quanto o de falar que não tem nenhuma crença.

A importância de estar em um ambiente religioso é tão grande para os pais/ avós que alguns jovens são obrigados a frequentar esses espaços, o que pode gerar uma grande rejeição desse mundo religioso. Como o caso da Rosana de 15 anos, que frequenta a igreja católica obrigada pelos pais:

Eu fui me conhecendo como pessoa, e eu percebi, que eu não me encaixava dentro daquela religião e nem de outra religião...faço minha oração apenas para Deus. Tipo, uma relação bem íntima com ele, converso com Deus, todos os dias.

A mesma situação vivia Issis de 17 anos. Ela narra que o fato de sua avó a obrigar a frequentar a igreja só acentuou seu afastamento e sua não identificação com aquele universo religioso.

Teve um tempo que eu frequentava muito a igreja, eu já fui praticamente batizada, mas aí teve um tempo depois que me afastei. [...] Eu levava tudo na base minha vó tem orgulho, porque eu to no altar, mas eu não queria ficar mais na igreja porque não me sentia bem, só estava lá pra agradecer ela.

A Pietra de 15 anos frequenta a igreja toda semana com os pais, e diferentemente das outras, isso não é algo imposto a ela. Para ela seu afastamento está relacionado com o entendimento de mundo que a igreja católica faz e isso a impede de se identificar como católica:

Eu me considerava (religiosa), só que aí eu acho que todo mundo tem uma fase que fica, tipo assim, se perguntando tipo isso é meio estranho o que está escrito na bíblia, é meio estranho mesmo que seja metáfora e tal. Às vezes eu fico meio não é isso que eu acho que é o certo. Mas assim, eu acredito que tenha alguma força, alguém ou alguma coisa que rege o universo que faz com que tudo acontece de uma determinada forma. Agora se isso é Deus, a lua ou o sol.... sei lá ou alguma coisa assim eu já não sei o que é. Eu falo como Deus.

Para alguns os espaços religiosos institucionalizados são propagadores de regras que rejeitam as identidades que esses jovens estão construindo. Uma questão que apareceu em algumas histórias de vida foi sobre as sexualidades que fogem da heteronormatividade. Essa foi uma questão comum entre alguns jovens no meu universo de pesquisa com uma característica interessante: esses relatos foram feitos majoritariamente por meninas, sendo relatado apenas por um menino. A heteronormatividade influenciou diretamente ou indiretamente na saída dessas jovens das igrejas que frequentavam. Irei abordar mais detalhadamente essa questão em outro capítulo.

Outro ponto importante de colocar é que se identificar como não religioso não significa que esses jovens não estão abertos para frequentar ou conhecer segmentos religiosos tradicionais, como é o caso da Rise de 15 anos que nunca frequentou espaços religiosos:

Eu espero que quando eu tiver mais interesses procurar... Eu acho que a vida é feita de mudanças, se eu penso assim agora, talvez eu pense diferente depois.

Como colocou Fernandes (2012) se identificar como sem religião pode significar um momento passageiro:

Lembramos que essa condição não se apresenta de modo definitivo e, provavelmente, muitos dos que se declararam ser sem religião no censo de 2000 hoje já mudaram sua identidade religiosa, pois identificamos em uma de nossas pesquisas uma reafirmação de vínculo também entre os sem-religião. (FERNANDES, 2012, p. 24)

Sobre o perfil dos sem religião das escolas, encontrei histórias/relatos que se conversam, apresentam pontos comuns em relação a saída das igrejas institucionalizadas a uma forte tendência de eles construírem uma crença baseada na figura Deus. Também nos relatos percebi o peso de se colocar como sem religião pra família, penso que esse fato está vinculado à força que o cristianismo tem no Brasil. Outra questão que foi levantada entre os “sem religião” é como a sexualidade de alguns jovens está entre os motivos que justificam a desvinculação das religiões institucionalizadas. Irei abordar essa questão no próximo capítulo mais detalhadamente junto com as reflexões sobre questões de gênero e outros fatores que envolvem a sexualidade.

4. SEXUALIDADE E GÊNERO

Os estudos sobre gênero ganharam espaço na academia brasileira a partir da década de 1970, encabeçado pelas mulheres acadêmicas do país com ligação com as reflexões do movimento feminista internacional. Nesse primeiro momento os estudos ficaram centralizados na figura da mulher. Essa centralidade está ligada principalmente à luta política do feminismo e seu discurso sobre a condição da mulher. Como forma de institucionalizar as reflexões feitas sobre os estudos de relações de gênero “observa-se uma gradativa substituição de termo ‘mulher’ - uma categoria empírica/descritiva - pelo termo ‘gênero’ - uma categoria analítica - como identificador de uma determinada área de estudos no país” (HEILBORN; SORJ, 1999, p. 78).

Ao longo dos anos essa categoria de estudo se fortalece dentro das Ciências Sociais expandindo e ganhando novos contornos. O gênero como uma categoria analítica reforça os fatores sociais e culturais sobre a noção de feminino e masculino presente nas sociedades, desnaturalizando um entendimento estritamente biológico calcado sobre o entendimento da diferença sexual ou no sexo (HEILBORN; SORJ, 1999). É necessário pontuar a heterogeneidade na categoria, o entendimento sobre o conceito de gênero não é consensual e altera em algumas teorias tanto no Brasil, quanto internacionalmente.

Algumas temáticas como sexualidade e trabalho trouxeram grandes contribuições nos estudos de gênero ao longo dos anos. Irei falar um pouco sobre a sexualidade e sua relação com a categoria gênero. A sexualidade como uma categoria de análise se consolidou dentro das Ciências Sociais de forma autônoma, sem estar vinculado exclusivamente aos estudos de gênero. Como ressalta Heilborn e Sorj:

Quanto à seara dos trabalhos versando sobre sexualidade, é necessário indicar que eles começaram a se desenvolver de modo paralelo aos estudos de gênero, dentro da rubrica de “comportamento desviante” e “desvio social” [...] Na verdade, tratavam da problemática das relações de gênero sem que pudessem ser definidos como integrantes exclusivos dessa área. Os trabalhos sobre homossexualidade, em particular, contribuíram para uma melhor distinção entre o plano da elaboração da identidade de gênero e o da orientação sexual. (HEILBORN; SORJ, 1999, p. 101 e 102).

Essa distinção entre identidade de gênero e a orientação sexual é ressaltada pelo pesquisador Marcelo Natividade (2009) ao estudar a diversidade sexual. Ele coloca a necessidade de desconstruir a ligação naturalizada entre desejo sexual e gênero, baseado nas reflexões de pesquisadora Judith Butler (2003) sobre a normatização da heterossexualidade e como esse entendimento impõe uma naturalização as diferenças de

gênero. A autora vai além e coloca que o conceito de gênero não pode ser construído baseado pela noção de sexo, pelo mesmo ser fruto de uma construção histórica e, sendo assim, não imutável.

Ainda sobre a sexualidade é necessário abordar o conceito teórico criado por Foucault, que é um dos maiores expoentes sobre a concepção de sexualidade dentro das Ciências Sociais. Ao estudar a história da sexualidade, Foucault questiona o entendimento geral entre acadêmicos de que os discursos sobre sexualidade foram silenciados. Para o autor, nunca antes se falou tanto sobre sexualidade como na era moderna. Assim:

O segredo do sexo não é, sem dúvida, a realidade fundamental em relação à qual se dispõem todas as incitações a falar de sexo - quer tentem quebrá-lo quer o reproduzam de forma obscura, pela própria maneira de falar. Trata-se, ao contrário, de um tema que faz parte da própria mecânica dessas incitações: maneira de dar forma à exigência de falar, fábula indispensável à economia infinitamente proliferante do discurso sobre o sexo. O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo. (FOUCAULT, 1990, p.36)

Fazendo um apanhado histórico, Foucault (1998) afirma que a partir do século XVII e mais intensamente no decorrer do século XVIII ocorre uma multiplicação de discursos sobre a sexualidade. Nessa nova configuração, a construção discursiva foi feita por vários setores de poder, como por exemplo, a psiquiatria, as igrejas e a sexologia, que produziam discursos sobre a sexualidade de modo que a analisavam, classificavam e impunham um regime de regras, de padrões ao comportamento sexual dos sujeitos modernos. Como coloca Duarte: “A emergência da sexualidade como tema e objeto de prática reflexiva lhe impõe um regime de autonomização das regras tradicionais do comportamento amoroso/erótico entre as pessoas” (DUARTE, 2004, p.64)

Feita essa breve introdução sobre noção de gênero e sexualidade que basearam minha pesquisa, em que procurei abordar alguns aspectos sobre gênero, relações de gênero e a sexualidade com a dimensão religiosa, gostaria de esclarecer alguns pontos antes de prosseguir. Quando iniciei minha pesquisa, tinha interesse em entender como a construção de gênero desses jovens se relacionava com a dimensão religiosa, qual era o impacto da religiosidade deles na construção de suas identidades de gênero e no seu entendimento sobre o feminino e o masculino. Entendo as críticas feitas, principalmente pela teoria queer, sobre limitações de uma análise binária e como não conseguem analisar todas as expressões de gênero existente na atualidade.

Construí minhas perguntas com base em premissas binárias, como homem e mulher, heterossexual e homossexual, mesmo compreendendo sua limitação, pois entendo que essas classificações ainda são bons marcadores para compreender aspectos da sociedade. Assim tracei perguntas voltadas para o entendimento desses jovens sobre casais homossexuais e as expressões de afeto em ambientes públicos; a figura da mulher e expressões de poder, sua liberdade na escolha da roupa; a relação homem e mulher em atividades domésticas e comportamentais; expressões masculinas de sensibilidade; e também sobre a castidade até o casamento.

Com relação às questões mais estereotipadas sobre a relação de gênero as respostas no geral seguiram para um entendimento sobre igualdade entre homens e mulheres; a importância de liberdade de escolha na questão da vestimenta; a sensibilidade e a vaidade masculinidade foi colocada como positiva. Me pergunto até que ponto o processo do politicamente correto está causando uma limpeza nos discursos, assim questões como igualdade de gênero, liberdade religiosa, diversidade sexual que são pautas dos direitos humanos e que estão tão evidenciadas na mídia e em outros setores da sociedade fazem com que os sujeitos camuflam suas falas. Alguns dos jovens apontaram aspectos machistas da sociedade e também colocaram a questão de a mulher ter uma jornada tripla de trabalho.

Nas entrevistas, dois aspectos que envolviam gênero foram relacionados com a dimensão religiosa: a questão do trabalho doméstico e o outro aspecto foi a limitação imposta por algumas igrejas evangélicas às vestimentas femininas. Sobre o trabalho de casa foi relatado por uma jovem que na igreja que ela frequenta existe um estímulo para os homens cuidarem da casa. Mas esse fato não foi consensual algumas jovens narraram que nas igrejas que participam existe uma disseminação do pensamento machista. Essas diferentes concepções sobre os discursos produzido pelas igrejas está relacionado com a diversidade de igrejas e da maneira como elas compreendem o mundo.

Achei o relato da jovem Viviane, evangélica, interessante. Ela narra como sua igreja, mesmo sendo liberal, tem regras sobre a relação de amizade entre homens com mulheres que a incomoda:

Eu acho ela em questões de amizade, relacionamentos assim muito rígido, por exemplo, a gente lá não pode ter o contato com meninos, basicamente se você tiver em uma roda com meninos, será pedido para você ser retirada da roda, então eu acho que isso, eu não vejo nada de mais em você estar em uma roda de amigos que seja meninos.

Em relação aos discursos sobre os homossexuais, também senti que ocorreu um reflexo do politicamente correto nos discursos. Em alguns relatos a frase geralmente começa com “eu não tenho nada contra, mas...” seguido por questionamentos sobre a homossexualidade. A homofobia muitas vezes é silenciosa, como ressaltava Natividade: “O “preconceito” e a “discriminação” contra homossexuais manifestam-se de formas muito plurais: silêncios, posicionamentos contrários, recusa de direitos, julgamentos morais, reprodução de estereótipos, exclusões mais diretas e outras mais veladas.” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2007, p. 6 e 7). Em alguns relatos entre os jovens que entrevistei encontrei julgamentos morais, posicionamento contrários. Como esses:

Olha eu assim, eu aceito, tipo não importo muito. Aí depende muito da pessoa tem pessoa que odeia, por exemplo, o Pablo Vitar que está fazendo até sucesso. Ele está sendo muito xingado pelas pessoas, virou até meme recente na internet. Eu sinceramente, a ciência acha isso muito errado, porque eles falaram assim, se botarem um monte de pessoas do mesmo sexo em uma ilha não tem como ter futuras gerações, mas eu pessoalmente não acho errado, eu acho normal. (Liam, 24 anos, sem religião)

Como eu sou religiosa então eu acredito que (é) homem e mulher, mulher e homem. Não é só por causa da minha religião, é de mim mesma, não é só por causa que é mulher com mulher eu não vou respeitar, lógico que eu vou é pessoa, é gente como eu. Mas eu vejo como um pecado. Eu já tive amigos, eu conheço pessoas que são e não é por isso que eu vou desrespeitá-las.” (Rute, 17 anos, evangélica)

Eu não tenho nada contra, mas certo não é, pra mim né. Uai, porque Deus mandou a gente, tipo assim, não foi pra ser assim mulher com mulher ou homem com homem. (Rizomar, 18 anos, sem religião)

Na minha parte assim, eu não tenho nada contra não, mas pra mim eu acho que não. Porque Deus criou Adão e Eva justamente pra isso, um homem e uma mulher, então tipo, deveria ir passando, passando e não uma mulher com uma mulher ou um homem com homem, porque senão Deus teria criado isso. (Inácio, 15 anos, evangélico)

O pensamento contrário à homossexualidade está presente entre sujeitos que se consideram religiosos e não religiosos. Existe uma base religiosa, em que, muitos deles se apoiam para justificar seu pensamento, alguns citam trechos da bíblia ou usam a figura de Deus. As religiões cristãs, berço ou pertencimento da maior parte da dimensão religiosa dos jovens que entrevistei, são conhecidas por terem um discurso homofóbico, mesmo que atualmente já haja religiões cristãs com um novo olhar sobre a homossexualidade. Assim, quando exploramos a relação das religiões cristãs e a criação de um discurso homofóbico, podemos colocar:

Considerando esse panorama, é possível ponderar que, historicamente, as relações entre diversidade sexual e cristianismo têm sido tensas, e que tais

tensões acompanham um processo de pluralização das normas que regulam a sexualidade. Este cenário sugere a relevância de investigar o modo como distintas matrizes religiosas dedicam-se a produzir uma intensa *colocação em discurso* do desejo e das práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo, ao falarem sobre o “pecado do homossexualismo” e incitarem formas de intervenção sobre este. (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2007, p.9)

Da mesma maneira que não existe um consenso entre religiosos e não religiosos contrários à homossexualidade, essa heterogeneidade do perfil religioso também está presente entre os jovens que colocaram não ver problema em casais do mesmo sexo casando ou tendo demonstrações de afeto em lugares públicos. É importante ressaltar que um número considerável de jovens relatou se sentir desconfortável com as demonstrações de afeto em locais públicos, tanto por casais homossexuais, quanto por heterossexuais.

Como ressalta Perez (2009) é no que tange a sexualidade que os jovens se posicionam criticamente aos dogmas religiosos. Entre os religiosos o ponto que gera uma maior discordância é a respeito da castidade. Alguns jovens entrevistados colocaram que não pensam ser necessário esperar o casamento para ter relações sexuais e que essa é uma escolha feita entre os casais e que geralmente são feitas por pessoas mais religiosas ou que seguem as regras da religião “muito ao pé da letra”. A questão da castidade até o casamento está mais presente entre os jovens religiosos, mas uma jovem não religiosa relata a escolha de esperar.

Entre os jovens contrários os relatos giram em torno do entendimento de não ver necessidade em seguir essa regra quando se gosta e confia no parceiro:

Então esse é um tabu pra mim. Porque é algo que eu não quero, mas é algo que eu sou obrigada a fazer. Eu acho que eu não preciso me prender pra uma pessoa gostar de mim. (Viviane, 14 anos, evangélica)

Lá eles defendem essa ideia de que não podem ter algum relacionamento antes do casamento. Eu acho que isso está errado, porque se a pessoa conhece ela e gosta dela mesma não teriam problema nenhum. (Otto, 15 anos, evangélico)

Entre os jovens favoráveis à castidade até o casamento, os motivos associados por eles para tanto são a construção do respeito entre o casal e a certeza da escolha do parceiro certo. Para a Rosana, que se descreve como sem religião, mas fez crisma obrigada pelos pais, os dogmas religiosos da igreja católica norteiam seu entendimento sobre a castidade, de uma maneira inconsciente:

Não acho errado quem se relaciona sexualmente antes do casamento, mas por conduta própria eu não faria. Porque eu acho que a castidade ela é um período de conhecimento entre os parceiros, então, depois que o casal casa o homem e a mulher aprendem a respeitar o momento um do outro, sabe? Então não é na

hora que ele quer ou ela quer fazer. Eles sabem se respeitar e assim o matrimônio ele dura mais, ele tem respeito.

Para Marx essa escolha está relacionada ao fato dele ser religioso:

Aí depende de cada um. Porque como as religiões que não permitem que fazem sexo antes do casamento, pela religião não permitem. Mas uma pessoa que não tem nenhuma religião e tá em um relacionamento eu acho totalmente correto, depende de cada um. Eu esperaria, por causa da religião né. É... tipo assim, porque uma pessoa conhece e aí já faz o sexo e aí dá um mês e já separa. Eu acho que aquela, aquele motivo de esperar, de conhecer mais vai determinar o tanto de tempo que você vai entrar em uma relação, não vai ser aquele corrido, tudo na hora.

A relação entre fiéis e ex-participantes de igrejas com sexualidades LGBTQ com as religiões cristãs foi outro ponto que teve destaque em minha pesquisa. Como no meu roteiro de entrevista não tinha nenhuma pergunta direta sobre a orientação sexual desses jovens, não posso fazer uma análise mais aprofundada de como todos eles vivem sua sexualidade. Mas o entrave entre os sujeitos com sexualidades não heteronormativas esteve presente em alguns relatos, trazendo informações importantes para perceber os embates enfrentados por esses jovens com a dimensão religiosa, principalmente por ter se apresentado como o ponto central que causou a saída desses jovens das religiões institucionalizadas.

Em minhas entrevistas me deparei com três situações, em que a figura dos pais marcou de maneira direta a relação de alguns jovens com a dimensão religiosa. O primeiro caso é de uma menina lésbica de 15 anos que se coloca como “não religiosa”, mas frequenta a igreja católica obrigada pelos pais. O segundo caso é de uma jovem bissexual que se considera religiosa, evangélica cristã, e que só voltou a frequentar o ambiente religioso depois que a mãe “aceitou” sua sexualidade. O último caso é o Alessandro de 15 anos que frequenta o ambiente religioso influenciado pelos pais, e que vive um dilema sobre ser ou não ser religioso, por conta do pai não “aceitar” sua sexualidade. Ele conta:

A igreja em si é tipo uma psicologia de ajuda a sair dessas coisas. Porque assim, eu quando comecei a me descobrir, eu era tipo essas coisas, se sabe né?! Gostar do mesmo sexo né. Aí com esses negócios de religiosidade eu comecei a pensar mais bem nessas coisas. [...] Negativa eu acho. Parar de ser essas coisas, entendeu?! Porque meu pai já ajuda, já descobriu e falou assim: que não quer que eu seja isso, aí começou a falar sobre a religião. E eu comecei a parar e pensar bem nessas coisas.

Entrevistadora - Você deixa sua sexualidade de lado por causa da religião?

Entrevistado - Deixo

Entrevistadora - E como você se sente?

Entrevistado - Eu fico me sentindo péssimo, porque é isso que eu quero ser mais.... Normal da vida né. Porque algumas pessoas, por exemplo pais e mães não escolhe o destino do filho, mas o meu pai e a minha mãe eles querem que

eu siga o destino de ser o que eles querem que eu seja. Já aconteceu vários milagres comigo, por exemplo agora parei com esses negócios de homossexual, entendeu?! Porque antigamente eu era bissexual agora eu sou o que meu pai quer que eu seja.

Há relatos que trazem a questão de as igrejas entenderem a homossexualidade como uma doença ou uma maldição, como coloca Issis que saiu da igreja pelo fato de ser bissexual:

Na minha igreja, quando eu falei, comentei disso, é eles me falaram muito, o pastor falou assim que essa questão minha (bissexualidade)... eu ia ser a amaldiçoada da família e que eu tinha que curar, como se fosse uma doença, mas não é.

O relato da Issis e do Alexsander nos permite refletir como a “cura gay” proposta por algumas igrejas é uma atitude muito invasiva, que machuca os sujeitos que se veem envolvidos nessa trama. “Esta atitude perante a diversidade sexual transcende os efeitos da homofobia cordial, na medida em que não apenas incorpora sujeitos marcados como inferiores, mas pretende eliminar tal “marca” por meio de “exorcismos”, *cura* ou *terapias*” (OLIVEIRA E NATIVIDADE, 2009, p.07).

CONCLUSÃO

As juventudes, a maneira como os jovens vivem a vida e estabelecem as relações sociais, mudam de geração pra geração. Com certeza os jovens de hoje não são os mesmos dos jovens de 20 anos atrás. A nova configuração de mundo em que estão inseridos, um mundo cada vez mais conectado, por meio da tecnologia, faz com que esses jovens estabeleçam novas formas de socialização. Essa maior conectividade através das redes sociais virtuais impacta em todas as esferas da vida dos sujeitos modernos. Assim a dimensão religiosa ganha novos contornos.

Existe uma expansão e uma multiplicidade de possibilidades de viver a religiosidade, mas preciso ressaltar, e isso ficou claro nos relatos dos jovens que entrevistei, que não existe uma expansão absoluta de possibilidades em que esses jovens fazem suas escolhas livre e amplamente de como viver o religioso. Em outras palavras, as possibilidades não são ilimitadas. Mesmo que o acesso a outras formas de viver o religioso que fuja de uma experiência baseada exclusivamente no cristianismo tenha expandido nas últimas décadas no país, entre os jovens que tive contato nesta pesquisa percebi que as possibilidades que os cercam são limitadas. Esses jovens vivem em uma teia muitas vezes delimitada pela família e/ou pela comunidade que o cerca, fazendo com que suas escolhas estejam ligadas à religião da família ou de amigos próximos, sendo passível acontecer represálias se a escolha religiosa desse jovem fugir da referência familiar.

O fato do perfil de filiação religiosa dos jovens ter se desdobrado entre católicos, evangélicos e “sem religião”, sendo que entre os “sem religião” a figura de Deus é tida como referência principal, nos faz refletir sobre o impacto que o cristianismo tem dentro do Brasil e como é difícil para esses jovens de família cristã construir uma dimensão religiosa sem nenhuma referência do cristianismo, sendo o caso de alguns pais obrigarem seus filhos a irem a igreja. A influência do cristianismo permeia toda a concepção o mundo entre muitos dos jovens entrevistados, refletindo em questões de sexualidade e de gênero.

As histórias dos jovens entrevistados se aproximam, independentemente da escola que eles estão inseridos. Claro que cada jovem estabelece uma trajetória ou composição religiosa única, mas muitas histórias têm o mesmo ponto de origem ou muitos estão passando pelo drama de ser um sujeito LGBTQ e a família e/ou a comunidade religiosa da qual fazem/faziam parte tentarem heteronormatizar a sexualidade desse jovem, sendo

este um ponto de tensão que para muitos de meus interlocutores definiu sua saída das igrejas às quais eles pertenciam e/ou a elaboração de um novo entendimento sobre o religioso em que sua sexualidade é compreendida.

Entre aqueles jovens que frequentam religiões institucionalizadas, a igreja aparece como um espaço importante nas suas vidas. Se sentir bem com a comunidade religiosa a qual eles pertencem é algo prezado e valorizado por eles, de maneira que se essa relação se inverte e eles passam a ser malvistas dentro da igreja ou não conseguem estabelecer amizades, a saída é muito provável. Alguns dos jovens que se declaram “sem religião” pararam de frequentar a igreja por não se sentirem bem dentro desses espaços.

Sobre a autodeclaração “sem religião”, que ganhou destaque na pesquisa, é importante ressaltar que o perfil dos jovens que fizeram essa declaração segue os apontamentos já feitos por Novaes (2004). Esses jovens estabelecem relações com o religioso, mas não associam suas crenças a vínculos religiosos institucionalizados, se declarando assim “sem religião”. Os jovens ateus e agnósticos estão presentes entre aqueles que se colocam como “sem religião” em número reduzido, dessa maneira podemos refletir que o ideal secularizante das teorias clássicas não se aplica à realidade das juventudes de hoje.

O maior ponto de tensão está entre a questão da sexualidade e os dogmas religiosos, sobretudo dogmas cristãos, seja através dos discursos homofóbicos ou no relato dos jovens LGBTQ. A questão da virgindade também apareceu em alguns depoimentos em tensão com o religioso.

Mas questões religiosas estão perpassando todas as dimensões da vida desses jovens. Assim, por mais que o entendimento sobre gênero na contemporaneidade esteja mais ligado a um discurso voltado mais para igualdade de gênero, sem muitas colocações religiosas, podemos encontrar concepções religiosas orientando ou regulamentando o comportamento de jovens, com diferenciação de gênero, incidindo sobretudo sobre o gênero feminino.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, RONALDO DE; MONTEIRO, PAULA. Trânsito religioso no Brasil. **Revista São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 92-100, July 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 de Abr. 2019
- ALVEZ, Maria de Fátima Paz. Religião e sexualidade: permanências e transformações da perspectiva de jovens pentecostais de Recife/PE- Brasil. **Revista Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 13, n. 15, p. 83-113, Jul./Dic. 2011.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. **O Brasil religioso que emerge do Censo 2010: consolidações, tendências e perplexidades**. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.), *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2012, p.63-87.
- CORREIA, Sonia (2013). **Sexualidade e política da segunda década dos anos 2000: o curso longo e as armadilhas do presente**. In: BORGES, L.; RAMOS, T. e RODRIGUES, C. (orgs.). *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Funarte, 2016.
- COUTO, Márcia Thereza. Gênero, família e pertencimento religioso na redefinição de ethos masculinos e femininos. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, Recife/PE, vol. 13(1), ano 6, p.15-34, 2002.
- DAYRELL, Juarez. **Juventude, grupos culturais e sociabilidade**. XXIV Reunião Brasileira de Antropologia, 2004.
- _____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007
- DUARTE, Luiz Fernando Dias; GIUMBELLI, Emerson A. **As concepções cristã e moderna da pessoa: paradoxos de uma continuidade**. In: Seminário A religião e a questão do sujeito no Ocidente, 1993, Paulo de Frotin/RJ. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1995, p. 77-111.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias; JABOR, J. M.; GOMES, E. C.; LUNA, Narra. **Família, reprodução e ethos religioso: subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes**. In: DUARTE, Luiz Fernando; HEILBORN, Maria Luiza; BARROS, Myriam Lins de; PEIXOTO, Clarice (orgs.). *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006, p. 15-50.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Ethos privado e modernidade: o desafio das religiões entre indivíduo, família e congregação**. In: DUARTE, Luiz Fernando; HEILBORN, Maria Luiza; BARROS, Myriam Lins de; PEIXOTO, Clarice (orgs.). *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006, p. 51-87.

FERNANDES, Sílvia. A (re)construção da identidade religiosa inclui dupla ou tripla pertença. **Revista IHU On-line**, Ano 8, Nº 43, 2012, p. 22-25.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Graal, 1990.

HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila (1999). **Estudos de gênero no Brasil - 1975-1995**. In: BORGES, L.; RAMOS, T. e RODRIGUES, C. (orgs.). Problemas de gênero. Rio de Janeiro: Funarte, 2016.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico, 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro, IBGE, 2012.

LOURO, Guacira Lopes (2002). **Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação**. In: BORGES, L.; RAMOS, T. e RODRIGUES, C. (orgs.). Problemas de gênero. Rio de Janeiro: Funarte, 2016.

_____. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, Dec. 2007. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982007000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 mai. 2019.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Corpo e Moralidade Sexual em Grupos Religiosos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 1, jan. 1995, p. 7-27.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 387, jan. 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol. 17, n. 49, junho de 2002.

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. In: **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em perspectiva pastorais evangélicas. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol. 21 No. 61, fev. 2006.

NATIVIDADE, Marcelo; DE OLIVEIRA, Leandro. Sexualidades Ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, [S.l.], n. 2, p. 121-161, ago. 2009. ISSN 1984-6487. Disponível: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/32/445>>. Acesso em: 16 mai. 2019

NOVAES, Regina. Os jovens ‘sem religião’: ventos secularizantes, ‘espírito de época’ e novos sincretismos. Notas preliminares. **Revista Estudos Avançados**, v.18, nº 52, 2004, p 321-330.

_____. **“Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença?”**. In: ABRAMO, Helena e BRANCO, Pedro (orgs.). Retratos da Juventude Brasileira. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

_____. Juventude, religião e espaço público: exemplos “bons pra pensar” tempos e sinais. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 184-208, 2012.

_____. **Nada será como antes: notícias das juventudes sul-americanas**. In Observatório da cidadania: dignidade e direitos. Ibase, 2007.

OLIVEIRA, Amurabi. NOVA ERA E NEW AGE POPULAR: as transformações nas religiões brasileiras. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 12, n. 100, p. 65-85, jul. 2011. ISSN 1984-8951. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1984-8951.2011v12n100p65>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

OLIVEIRA, Leandro. **Diversidade sexual, gênero e família: notas sobre o problema de superioridade moral da heterossexualidade**. In PASSAMANI, Guilherme. (Contra)Pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual. Campo Grande: Editora UFMS, 2011, p. 53-65.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, jul./dez. 2014, p. 377-391.

PEREZ, L.; TAVARES, F.; CAMURÇA, M. **Ser jovem em Minas Gerais: religião, cultura e política**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE (Brasil). **Agenda Juventude Brasil: pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros 2013**. Brasília, 2013.

SILVA, Cristiane A. Fernandes da et al. **Descortinando a diversidade no mundo escolar: um diagnóstico socioeconômico de escolas públicas estaduais de Uberlândia**. In: V Encontro das Ciências Sociais no Norte de Minas, 2018, Montes Claro/MG. Anais do V Encontro das Ciências Sociais no Norte de Minas, Montes Claro, Unimontes, 2018, p. 209-229.

SILVA, Cristiane Gonçalves da et al. Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez. **Psicol. estud.**, Maringá, v.13, n.4, p.683-692, Dec. 2008. Disponível:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722008000400006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 abr. 2019.

SIMOES, Júlio Assis; CARRARA, Sérgio. O campo de estudos socioantropológicos sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil: ensaio sobre sujeitos, temas e abordagens. **Cad. Pagu.**, Campinas, n. 42, p. 75-98, June 2014. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332014000100075&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 mai. 2019.

TORRAO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cad. Pagu.**, Campinas, n. 24, p. 127-152, June 2005. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01048333200500100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 mai. 2019.

VALENTE, G.; SETTON, M. DA G. Notas etnográficas sobre a religiosidade na escola. **Cadernos CERU**, v. 25, n. 1, p. 179-196, 11.